



## Resenha

Tiago Zeferino dos Santos<sup>1</sup>

Regina Ingrid Bragagnolo<sup>2</sup>

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

É muito comum presenciarmos atualmente o nome de **Judith Butler** em diversas produções acadêmicas, movimentos feministas e movimento de Lésbicas, Gays, bissexuais e transexuais (LGBTs) e em distintos campos teóricos e disciplinares. Podemos inferir através desse contexto, a evidente influência das temáticas e teorias que Judith Butler vem construindo e principalmente desconstruindo. Mas afinal, quem é Judith Butler? Embora pareça uma pergunta simples que possa ser respondida com poucas palavras, é conveniente destacar suas reflexões provocativas. Nessa mesma linha, sugiro outra pergunta: o que Judith Butler defende em suas pesquisas? Se pensarmos em seguir por este caminho, talvez encontremos algumas palavras que a descreveriam parcialmente, mas, sobretudo, chegaríamos à conclusão que Judith Butler refuta qualquer interpretação reducionista com definições pré-estabelecidos pelo discurso e pela linguagem.

Justamente por essa inegável crítica às concepções homogêneas e uniformes que a autora **Sara Salih** nos presenteia com uma obra que serve de base e orientação para melhor compreendermos as produções de Butler. Traduzido no Brasil dez anos após seu lançamento na editora Routledge, o livro de Sara Salih aborda os principais conceitos sistematizados por Butler, ressaltando a atualidade de suas discussões. Como em outras publicações originadas dos estudos da autora, o livro traz contribuições importantes sobre os desdobramentos possíveis a partir dos escritos de Butler, ampliando o debate e as possibilidades de intersecções entre o pensamento filosófico e as ciências humanas. A autora analisa os principais trabalhos de Butler e faz uma relação entre eles, descrevendo a

---

<sup>1</sup>Tiago Zeferino Santos, graduado em História é mestrando em Educação/UNISUL, e-mail: <[santos.tiago@unisul.br](mailto:santos.tiago@unisul.br)>.

<sup>2</sup>Regina Ingrid Bragagnolo, doutora em Psicologia pela UFSC, é professora da Universidade Federal de Santa Catarina no Núcleo de Desenvolvimento Infantil NDI/CED, e-mail: <[reginaingrid@gmail.com](mailto:reginaingrid@gmail.com)>.



partir dos conceitos-chave, o impacto de suas ideias e as críticas que permeiam esses conceitos na academia e nos movimentos sociais.

Estruturalmente, o livro apresenta-se dividido didaticamente com leituras agradáveis e provocativas. A primeira seção intitulada ***Por que Butler*** é a introdução que contextualiza os caminhos percorridos por Butler na filosofia (Althusser, Hegel, Beauvoir, Freud, Lacan, entre outros) e seu notório diálogo com Derrida e Foucault. Após recuperar para o/a leitor/a o contexto do pensamento de Butler informando sua filiação teórica, inicia na seção seguinte – ***Ideias-chave*** – a descrição das categorias sujeito, gênero, sexo, linguagem e psique, traduzindo o modo como determinados conceitos foram construídos a partir de certas premissas engendradas e naturalizadas.

Na primeira categoria, fundamentada em *Subjects of Desire* (1987), primeiro livro de Butler, o *sujeito* está intimamente ligado ao conceito de sujeito-em-processo em Hegel, por meio de um esforço contínuo ao conhecer a si mesmo através do Outro. Apesar de Butler concordar com a concepção de formação do sujeito em Hegel, ela completa que no processo de reconhecer a si mesmo o Eu deve superar ou aniquilar o Outro para o desenvolvimento e garantia de sua própria autoconsciência (BUTLER, 1987, p.37). Essa tarefa, segundo a autora, não é nada simples, pois o Outro que o Eu tem de superar é de fato uma parte de si mesmo (HEGEL, 1992). Neste mesmo raciocínio, Butler considera que as subjetividades provê em de um reconhecimento recíproco, pois não nos completamos solitariamente, mas sim, com o reconhecimento do Outro que nos confirma (BUTLER, 1987, p.58).

Em busca desse reconhecimento recíproco citado por Butler, pesquisas vêm realizando densas discussões sobre as professoras transexuais dentro da lógica binária em relação a gênero e sexualidades. Seguindo esta perspectiva, Derrida descreve que o *sujeito* está sempre em movimento, sem um ponto de chegada. Essa visão de Derrida se difere da versão de Hegel em que o *sujeito* se movimenta em busca do saber absoluto (o Eu completo). Segundo a autora, Butler dialoga com a ideia que Derrida aponta sobre o signo, já que esse não é significado *pelo* significante, e sim o sentido que é produzido por uma cadeia de significantes. Ao apoiar-se em Derrida, Butler questiona a estrutura binária sexo/gênero.

Na segunda categoria a autora problematiza o conceito de gênero, dessa vez fundamentada em *Gender Trouble* (GT, 1999), considerada até agora a obra mais importante de Butler, o *gênero* assim como o *sujeito*, é teorizado como uma identidade construída *noe pelo* discurso; em outras palavras, o *gênero* é resultado de uma sequência de atos estabelecidos discursivamente, apoiados na matriz heterossexual que necessita ser constantemente reiterada. Com isso, Butler retoma Simone de Beauvoir ao apontar que a identidade de gênero é construída socialmente, produzidas a partir da performance. O poder do discurso é intrínseco na formação do gênero que, segundo a autora, ele se cristaliza ou se solidifica de tal forma que parece ter sempre existido, ou ainda, ser natural. Desse modo, “gênero é algo que ‘fazemos’ e não algo que ‘somos’ naturalmente, mas sim, uma estrutura imaginada pelos desejos-condicionados” (BUTLER, 1999, p.65, grifos da autora).

A autora abre o debate a partir das discussões freudianas focada no modo como Butler problematiza a formação do sujeito através do inconsciente e da internalização de discursos. Butler enfatiza que tanto o sexo quanto o gênero são resultados do discurso e da lei, declarando que isso produz e alimenta os desejos considerados inadmissíveis para manter a estabilidade heteronormativa, “produzindo e controlando”. O Tabu não somente proíbe determinadas sexualidades “imorais” como também as inventa e as provoca.

Na sequência a autora realiza uma análise da categoria *sexo*, abarcando simultaneamente o conceito a partir de *Bodies That Matter* (BTM) de 1993. Assim, Butler caracteriza sexo como performativo, convidando o leitor a pensar como uma menina não nasce menina, mas é “tornada menina”. De onde se segue que, o corpo aparentemente natural, não é mais que um processo de materialização do discurso cristalizado e estabilizado superficialmente. A performatividade desses corpos acontece porque há uma *citacionalidade* (imposição da norma) e uma *interpelação* (descrição através do outro) para “torna-se menina ou menino” dentro do discurso enunciado. Segundo Butler, o sujeito passa por um processo de *significação* e materialização construído linguística e discursivamente que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de limite e fixidez. Sendo assim, a feminilidade assim como a masculinidade **não** são consequências de uma instituição específica, mas um direcionamento forçado por meio de uma norma reguladora e disciplinadora. **Sara Salih** esclarece essa questão ao apontar a experiência de quando um

médico ou uma enfermeira declara “É uma menina!” ou “É um menino!” onde se atribuiu um sexo e um gênero a um corpo que não pode existir fora desse discurso. Desse modo, o sexo anatômico está atrelado à questão dada pela biologia, diferentemente da identidade de gênero, constituída e inscrita sobre os corpos, com efeitos de um discurso sobre uma identidade estável. Nesse sentido, a autora deixa clara a intenção de Butler, na problematização dos limites da lógica empregada culturalmente entre sexo e gênero

A quarta categoria refere-se à *linguagem*, apoiada em *Excitable Speech* (ES, 1997) livro no qual Butler utiliza para fundamentar a performatividade da linguagem (Austin), a eficiência da interpelação (Althusser) e a lógica das palavras ditas “sem culpa” (Foucault). Nesta divisão, perpassa a dúvida e discussão entre alguns autores: se os discursos de ódio (sexual, racial, etc.) são considerados afirmações fora do controle do falante, pois não foi ele que criou aquele discurso, mas “sujeitado” a aprendê-lo, convenhamos então, que quando alguém agride verbalmente um gay ou um negro, a culpa não é do falante, mas sim da linguagem. No entanto, Butler vai insistir que embora os falantes nunca estejam no pleno controle do que dizem, estão em alguma medida, responsáveis pelos enunciados que assimilam e deveriam, em certos casos, serem processados por proferirem essas palavras que ferem. Assim sendo, completa que na mesma medida que os falantes são formados pela linguagem e também a formam; ou seja, apesar da linguagem estar presente antes do sujeito, ele próprio também contribui para sua lapidação e consistência. **Sara Salih** termina este subcapítulo da linguagem trazendo uma preocupação de Butler com o discurso hierarquizante, visando a desnaturalização da fabricação da identidade sexual: *por que deveríamos conservar ou continuar ligados a termos que nos subordinam e fortalecem as estruturas de poder existentes?*

Na quinta e última categoria – a *psique* – a autora fará um síntese geral dos conceitos discutidos durante o livro, relacionando-os com a formação da *psique* no sujeito. Para tanto, Butler argumenta não existir nenhuma identidade social sem sujeição, o sujeito está passionalmente preso à lei ou à autoridade que o sujeita - este *sujeito sujeito* foi defendido também por Nietzsche, Freud, Foucault e Hegel. Mais ainda, a identidade do sujeito é formada num processo de *devir* através de recusas e aceitações, sendo um exemplo a identidade heterossexual; para assumi-la é preciso renunciar a catexia homossexual primária, pois Butler afirma que masculinidade e feminilidade são consideradas “conquistas”

e a heterossexualidade uma “aquisição”. Neste caso, a heterossexualidade surge a partir de uma homossexualidade repudiada, mas que é conservada na própria estrutura do sujeito, como descreve Butler em *The Psychic Life of Power* (PLP, p.143).

A renúncia requer a própria homossexualidade que ela condena, não como seu objeto externo, mas como a sua mais preciosa fonte de sustentação. Paradoxalmente, o ato de renunciar à homossexualidade fortalece, pois, a homossexualidade, mas ele a fortalece precisamente na condição de poder de renúncia (PLP, p. 143).

No capítulo final do livro, ***Depois de Butler***, a autora **Salih** faz algumas considerações finais e apresenta o posicionamento de alguns autores sobre Butler. Para Jhonathan Dollimore, “ela é a mais eclética e brilhante teórica da sexualidade dos últimos anos” (1996, p. 553). As caracterizações que Butler faz das identidades sexuais e de gêneros como instáveis representam grandes conquistas teóricas; insistindo que devemos (nós, sujeitos) assumir uma relação crítica com os discursos e normas que permeiam o nosso cotidiano.

No âmbito das Teorias feministas e da Teoria Queer, Butler tem sido decisiva. **Salih** afirma ainda que o livro não buscou fornecer respostas para os problemas que Butler apresenta em suas obras. No entanto, com alguma sorte “o livro terá revelado formas novas, talvez radicais, de pensar a diferença, mesmo que isso implique seu sujeitar à inquietação e ao desconforto que Butler considera como parte crucial do processo de pensar criticamente.” (SALIH, 2002, p. 210).

## Referências

BUTLER, Judith. **Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France**. Nova York: Columbia University Press, 1987 (reimpressão em 1999).

\_\_\_\_\_. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Nova York: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of ‘Sex’**. Nova York: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. Nova York: Routledge, 1997.

\_\_\_\_\_. **The Psychic Life of Power Theories in Subjection.** Stanford: Stanford University Press, 1997.

DOLLIMORE, Jonathan. Bisexuality, Heterosexuality, and Wishful theory. **Textual Practice**, 10 (3), 1996. P. 523-39.

HEGEL, G.W.F. **A fenomenologia do espírito.** V.1 e 2. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 1992 [1807].

**RECEBIDO EM 12 DE MARÇO DE 2013.**

**APROVADO EM 15 DE MAIO DE 2013.**